

A DOCTRINA ESPÍRITA E AS MULHERES

Cléria Bittar Bueno*

RESUMO: Objetivos: Este estudo analisa o papel que as mulheres desempenham no seio da Doutrina Espírita, comparando-o com as principais denominações religiosas dentro do Cristianismo. **Metodologia:** pesquisa bibliográfica, a partir da contribuição de autores da Teologia Feminista, da Filosofia, da Psicologia, da História e da Doutrina Espírita. **Resultados:** A crítica da Teologia Feminista recai sobre a visão misógina e andrógina – fruto da mentalidade patriarcal - empregada na valoração e interpretação do papel das mulheres tanto nos textos sagrados, como no tratamento dispensado a elas pela Igreja de Roma e demais igrejas surgidas pós Cisma e Reforma. **Conclusões:** O estudo mostra que, em analogia às demais crenças cristãs, para os adeptos desta Doutrina, não há prerrogativas de um sexo sobre outro devido à crença na palingenesia (reencarnação), o que facultaria ao mesmo Espírito em evolução, encarnar em corpos de diferentes sexos; e pelo fato de que não há uma classe sacerdotal, prerrogativa de poder para os homens.

PALAVRAS-CHAVE: espiritismo – feminino – igrejas cristãs- equidade – palingenesia.

ABSTRACT: Objective: This paper analyzes the role that women play within the Spiritist Doctrine, comparing with the main religious denominations within the Christianity. **Methodology:** Bibliographical research from the contribution of authors of Feminist Theology, Philosophy, Psychology, History and the Spiritist Doctrine. **Results:** The criticism of the Feminist Theology falls back on the misogynous and androgynous vision – product of the patriarchal mentality - employed in the valorization and interpretation of the role of women in sacred texts, as much as the treatment conferred to them by the Church of Rome and other churches come to light post Schism and Reform. **Conclusion:** The study shows that, by analogy to other Christian beliefs, for the followers of this Doctrine, there is no prerogatives of one sex on another due to the belief in palingenesia (reincarnation), which would give the same Spirit in evolution, the incarnation in bodies of different genders; on the fact that there is not priestly class - a prerogative of power for men.

KEY-WORDS: spiritism – female – Christian churches- equity – palingenesia.

Eu posso não concordar com nada do que pensas, mas lutarei até a morte para teres o direito de expressar o teu pensamento.
(Voltaire)

Introdução

O Movimento Feminista foi um movimento de mulheres que culminou na década de 60 do século XX, na organização de ações de milhares de mulheres (e de alguns simpatizantes homens que se sensibilizaram pelas reivindicações feitas pelas mulheres do movimento), que se reuniram para denunciar as desigualdades existentes

* Psicóloga. Docente do curso de Psicologia e do programa de pós-graduação Mestrado em Promoção de Saúde da Universidade de Franca. Contato cleria@unifran.br.

entre mulheres e homens, no que diz respeito às diferentes oportunidades e condições de vida de milhões de mulheres ao redor do mundo, sob as mais diferentes situações, dando condições para análise e discussão de uma série de assuntos relativos à vida destas.

Os temas propostos para discussão eram relacionados à saúde, à educação, aos direitos reprodutivos, ao trabalho, às desigualdades entre homens e mulheres, à falta de oportunidade e dificuldade na equiparação salarial, à violência cometida contra elas, à sexualidade, ao direito ao próprio corpo, dentre muitos outros temas que têm sido avaliados sobre uma miríade de conjunturas de diferentes abordagens teórico-metodológica, sobre distintas correntes filosóficas, dentro das mais distintas ciências, das áreas humanas, sociais e biológicas.

Não apenas as ciências se mostraram desde aquele momento interessadas em conhecer o universo a respeito do mundo feminino, mas igualmente as artes e as religiões. Diversos estudiosos das religiões, entre teólogos, exegetas, filósofos, historiadores, antropólogos, buscam aliar a compreensão dos textos sagrados às premissas dos Estudos de Gênero, o que tem garantido a aproximação histórico-conceitual sobre o conhecimento dos papéis desempenhados pelas mulheres tanto nas escrituras sagradas de várias religiões, assim como os papéis desempenhados por elas no seio de suas crenças religiosas.

Entender o fenômeno religioso, a religiosidade, a espiritualidade e transcendência passaram a ser tarefa de diversas ciências, também da Psicologia apreendendo o sagrado como experiência subjetiva do homem:

Assim a ciência oficial vem tornando-se progressivamente permeável à aceitação do fato segundo o qual um de seus ramos do conhecimento, a Psicologia, possa finalmente dedicar-se, também aos aspectos mais transcendentais da psique humana, e [possui] um grande desafio pela frente: avançar rumo a modelos e paradigmas mais flexíveis em relação às limitações do **cientificismo**, abandonar as restrições coercitivas face às nossas possibilidades psíquicas mais amplas, (...) e contribuir para nossa necessidade de transcendência, rumo a dimensões e modos psíquicos de ser, situados além do ego, da racionalidade e das concretudes da realidade objetiva (LAGO, 2001 p. 182) [grifo nosso].

Como podemos observar, o fenômeno religioso a religiosidade e as religiões em si passam a ser objetos de estudo de várias ciências de diferentes abordagens epistemológicas - metodológicas.

A universalidade da experiência religiosa é indício de sua comunicabilidade. O espiritual faz sentido, comunica-se e, se há problema na recepção do que diz, provavelmente eles se encontram na forma como é concebido, na sua redução a alguma forma de apreensão cognitiva (BAIRRÃO, 2004, p.196).

Dentro dessa perspectiva surge o cenário para compreender as diversas relações entre as mulheres e a religião. Pode-se compreender o papel que lhes foi atribuído nos textos sagrados de diversas tradições, além de tentar compreender o papel que a elas cabe assumir no âmbito social dentro de suas igrejas ou comunidades religiosas.

São duas frentes de pesquisa, portanto, entender o contexto histórico-cultural dos textos sagrados, relacionando-os com o papel que estes atribuem às mulheres, e avançando-se um pouco mais, conhecer o papel que as igrejas modernas lhes atribuem e permitem desempenhar, dentro das funções possíveis em suas hierarquias, comunidades ou até mesmo como líderes espirituais.

Que papel as diferentes denominações religiosas têm resguardado às mulheres? Como articular a questão do discurso e do saber religioso com o poder estratificado e hierarquizado dentro das religiões, e que, via de regra, destinam às mulheres uma posição inferior na hierarquia religiosa, embora ela seja imprescindível para as pretensões sociais e de unificação da própria comunidade religiosa?

A Teologia Feminista

Esses são alguns temas a que tem se debruçado os Estudos de Gênero ou os Estudos Feministas, em sua interface com os estudos de religiões, sobremaneira a corrente da Teologia Feminista, que nasceu para elucidar essas dentre outras questões que dizem respeito às diferentes representações que o feminino e a mulher têm nas escrituras e no seio de diversas manifestações religiosas, fazendo uma crítica à visão androcêntrica das religiões, na construção de valores que fundamentaram os comportamentos humanos:

Ao longo da história da Igreja cristã, as mulheres têm sido reduzidas ao silêncio e à submissão. Como o diz com ironia um autor: “*Os homens tomam decisões, as mulheres tomam chá*”. Um sacerdoto e um ministério de homens têm dominado. A própria estrutura da Igreja tem sido ‘masculina’ e hierárquica, excluindo as mulheres dos estudos, do poder, da autoridade. As únicas esferas em que foi concedido poder às mulheres foram o convento e o campo

missionário: duas áreas convenientemente afastadas da corrente principal. Mesmo hoje, ser uma cristã bem-sucedida é ser boa esposa e boa mãe. A liturgia e os hinos sobrecarregam a mulher com uma linguagem e com imagens masculinas, reduzindo-as à invisibilidade (...). Como resultado, muitas feministas radicais excluíram a Igreja como irremediavelmente patriarcal (...), mas muitas feministas cristãs ainda desejam permanecer nos limites da ortodoxia da Igreja, (...) pois acreditam que o cristianismo tem algo de positivo a oferecer às mulheres e até que a morte do patriarcado está na própria mensagem cristã. (RAEPER, SMITH, 1997, p.216)

As feministas tentaram retratar Deus com uma face masculina e feminina, melhor, como um deus ‘pai’ e ‘mãe’, o que trouxe um desconforto para a corrente tradicional. Elas afirmam que retratar Deus como homem, desacata o segundo mandamento que proíbe a construção de ídolos ou imagens de Deus. “*Se Deus é compreendido como primordialmente masculino, o patriarcado é assegurado pela ordem divina*” (RAEPER, SMITH, 1997, p.216).

Mas esses valores androcêntricos não estão somente presentes nos discursos religiosos. Estão perpetrados nas ciências em geral, e na história que registram as descobertas feitas pelos homens, e o julgamento que estes fazem a respeito do universo como um todo, em detrimento do saber e do fazer femininos. A história oficial foi – e em certa medida ainda continua – a ser escrita sob sua ótica e valor, não considerando milênios de cultura ‘não oficial’, acumulada pelas mulheres.

Não é o interesse deste estudo a construção de uma *linha do tempo*, na contemplação de todos os movimentos que culminaram nas diferentes tradições cristãs como hoje conhecidas, seus pressupostos, dogmas e interpretações que as sustentam. Apenas para contextualizar o nascimento da doutrina espírita, é que nos permitimos à uma brevíssima explanação dos principais fatos decorrentes desde a organização da primeira igreja cristã e das situações que culminaram na criação de outras denominações e crenças religiosas.

Antecedentes históricos da doutrina espírita

Dentro da tradição judaico-cristã, a primeira Igreja que se organiza em uma estrutura hierárquica, é a tradição católica-romana. É a primeira religião oficial romana, que reconhece um Deus único, o mesmo Deus do povo hebreu-judeu, e dos prosélitos

que igualmente aceitaram o Cristo como Salvador, *caminho, verdade e vida*, (João 14: 6 - 7) e que por séculos foram martirizados, perseguidos e mortos pelos romanos.

A Igreja católica-romana se organiza alguns anos após a morte de Cristo, e floresce como religião estruturada, organizada em uma hierarquia sacerdotal, durante séculos, ganhando poder e supremacia quando de sua aproximação dos monarcas.

Mas essa hierarquia e obediência à Igreja de Roma e seus dogmas, começa a encontrar críticos, que se insurgem contra ela e seu apostolado, gerando rupturas irreversíveis. Foi o caso do Cisma do Oriente (1054) e da Reforma Protestante (1517). O Cisma dividiu as igrejas cristãs do oriente e do ocidente, em que a primeira é chefiada pelo imperador, e a outra, pelo papa.

Já a Reforma cria outra profissão de fé, rompendo igualmente com a obediência ao clero de Roma. A Reforma foi iniciada por volta de 1517, pelo monge Martinho Lutero (1483-1546), professor da Universidade de Wittenberg, na Alemanha, que se insurgiu inicialmente contra a venda de indulgência escrevendo “*As 95 teses*”, em que criticava abertamente a corrupção da Igreja, da adulteração dos sentidos das palavras sagradas, não poupando críticas ao próprio papa Leão X, que vivia à beira da falência, sobretudo pelas dívidas contraídas pela ocasião da construção da Catedral de São Pedro. Este papa, em 1520 condena-o como herege na Bula *Exsurge Domine*, ordenando aos cristãos que queimassem os livros de Lutero. A resposta de Lutero foi queimar a Bula, um documento papal, diante da multidão atônita (VICENTINO; DORIGO, 2005; RAEPER, SMITH, 1997).

Com o Cisma do Oriente e a Reforma Protestante, outras tradições cristãs, apareceram, guardando semelhante respeito quanto à crença nos Evangelhos e em Jesus Cristo, num Deus único, na divindade de Seu Filho, diferindo, portanto, quanto às interpretações, dogmas e outros assuntos de caráter mais comportamental, como a obediência (ou não) ao Papa, guardar o sábado, o reconhecimento da figura de Maria, mãe de Jesus, como medianeira, entre outros.

No século XIX no Brasil, a Igreja resolve adotar ações dirigidas diretamente às mulheres, o faz no intuito de fortalecimento do clero, para fortalecer-se política e socialmente, mantendo seus fieis sob o controle destes. “*Assim o processo e feminização do catolicismo brasileiro, que ocorre nessa época, longe de significar um investimento*

das mulheres no exercício do poder sagrado, representa a reafirmação do seu estatuto subordinado” (NUNES, 1996, p. 89).

Muito recentemente na história é que surge, no alvor do século XIX, uma doutrina que se apresenta em seu tríplice aspecto: ciência, filosofia e moral. Nascida na França, a *ciência espírita*, culmina com a publicação, em 18 de abril de 1858, do *O livro dos Espíritos*, obra mediúmica ditado por diversos espíritos aos médiuns de diversas localidades francesas, e codificados por *Allan Kardec*, cujo nome de batismo era Denizard Hippolyte Léon Rivail (1804-1869), pedagogo francês, ex-aluno do mestre suíço, Johann Henri Pestalozzi (1745-1827), de quem foi aluno por mais de uma década em Yverdon, na Suíça.

Ao voltar para a França, publica livros como ‘*Curso prático e teórico de aritmética segundo o método de Pestalozzi*’ (1824), ‘*Plano para a melhoria da educação primaria pública*’ (1828), ‘*Gramática francesa clássica*’ (1831). Foram ao todo dezesseis obras, escritas entre 1824 e 1847 (WANTUIL, 1980). Em 1832 quando tinha vinte e oito anos, casa-se com a professora Amelie Boudet, sua companheira de toda vida, que lhe segue os passos na educação de jovens, e, posteriormente, na defesa das premissas da doutrina que ajudara a codificar.

Dos tempos vividos em Yverdon, aprendeu com o mestre Pestalozzi não somente a seriedade com os estudos, sobremaneira o rigor científico, o que lhe foi útil posteriormente para entender e explicar os fenômenos naturais que mais tarde lançaria como premissas para a nova *ciência espiritual*.

Mas igualmente aprendeu no exemplo do velho educador como a ser perseverante e principalmente tolerante com aqueles que pensassem diferente dele, pois cerca de trinta anos depois de regressado à terra natal, ao publicar *O livro dos espíritos*, ganhou notoriedade, mas também muitos desafetos e perseguidores. Contava com aproximadamente cinquenta e quatro anos de idade quando publicou esta primeira obra.

Não sei quantas almas tenho, cada momento mudei,
Continuamente me estranho, nunca me vi nem achei.
(Fernando Pessoa- “Não sei quantas almas tenho”).

Ciência ou religião?

Em 1848 em Hydesville, Nova York, uma série de fenômenos paranormais, ou extra-físicos envolvem as irmãs Fox, e igualmente na Europa vivia-se a febre das manifestações das *mesas girantes*. O professor Rivail toma conhecimento destes fenômenos, mas sua mente racional não se deixa impressionar.

Eram comuns nesta época, reuniões privadas com o objetivo de provocar o fenômeno, além de apresentações públicas com adivinhos, magnetizadores, prestidigitadores, e médiuns que se prestavam a tais espetáculos. Obviamente havia, entre estes muitos charlatães, mas outros tantos que a história registra dotados de fenomenais poderes extra-sensoriais, inexplicáveis à luz da ciência positivista.

De tudo se abusa, mesmo das coisas mais respeitáveis e bem se pode dizer que também a fraude tem o seu gênio. Mas, a fraude sempre visa a um fim, a um interesse material qualquer; onde nada haja a ganhar, nenhum interesse há em enganar. Por isso foi que dissemos, falando dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto (KARDEC, [1861], 2004, item 314, p.380).

Foi somente em 1855 participando destas sessões privadas na casa do casal Plainemaison que o professor Rivail presenciou pela primeira vez o fenômeno das mesas girantes e da psicografia, embora revelasse algum interesse, não se deixou impressionar pelos fenômenos, sem que estivesse certo a respeito da origem dos mesmos, buscando a compreensão à luz da razão e não do espírito fantasioso.

Convidado pelo casal Baudin para participar de sessões privadas, o professor Rivail ainda se mostra reticente em relação ao que vira.

Foi lá que fiz meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda pela revelação do que pela observação. Apliquei a essa **nova ciência**, como o fizera até então, o **método da experimentação**; jamais occasionei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências, dos efeitos procurava remontar às causas, **pela dedução e o encadeamento lógicos dos fatos**, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. (KARDEC, [1890], 2004, p. 259) [grifo nosso].

Amigos como Carlotti, René Taillendier, Victorien Sardou, Didier entre outros apresentam-lhe cerca de cinquenta cadernos de registro de comunicações com os espíritos, feitas por intermédio do grupo de médiuns, ao longo de cinco anos. Ele inicia então profundos estudos sobre estes fenômenos, e passa a freqüentar ativamente as

sessões em casa do casal Baudin (WANTUIL, 1980). Tem, contudo, o cuidado de fazer perguntas elaboradas que revelavam uma preocupação com assuntos de natureza moral e filosófica, para que essas fossem respondidas pelos espíritos comunicantes da sessão. Sem saber lança as bases para *O livro dos Espíritos*, um verdadeiro código de pouco mais de mil perguntas sobre os mais diferentes temas científicos, morais e filosóficos.

Chega o ano de 1857, ano da publicação d'*O livro dos Espíritos*, e em comunicação dada por seu espírito protetor, o professor Rivail fica sabendo de seu relacionamento anterior com este mentor, que lhe revela que ambos eram amigos e que viviam na Gália nos tempos dos druidas. Na época desta existência anterior ele se chamava *Allan Kardec*, nome que passa a adotar para a publicação que estava à lume, uma vez que seu nome de batismo era conhecido pelos meios acadêmicos em função dos livros que publicara ao longo de sua vida. Faz isso para que igualmente não colhesse os frutos de uma autoria que, segundo sua consciência, não lhe pertencia. Surge então para a posteridade a figura do Codificador da doutrina espírita: “*apagou-se o mérito professor Rivail e surgiu o desconhecido Allan Kardec, nome que tivera há muitos séculos como sacerdote druida*” (BORGES, 2000, p.30).

Homem do século XIX, Kardec elaborou um sistema que percorre vários domínios: a pesquisa científica, a filosofia evolucionista, a religião não clerical. Propôs uma ciência interessada nas leis de evolução do espírito e um espiritualismo cristão cujo lema é ‘*fora da caridade não há salvação*’ (GIUMBELLI, 2008, p. 19).

A doutrina espírita nasce como a alternativa ao materialismo que grassava no meio científico, “*sanção do egoísmo, fonte de todos os vícios, a negação da caridade (...) e a justificação do suicídio*”, segundo Kardec ([1890], 2004, p.31). Para ele a doutrina Espírita poderia contribuir para mudar esse estado de anomia, de falta de perspectiva no futuro, pois;

(...) transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática (KARDEC [1865], 2003, p. 22).

Valendo-se de sua larga experiência como educador e cientista, e utilizando o método dedutivo, chega igualmente à conclusão de que, para explicar tais fenômenos cuja causa estava fora da matéria, valeria a mesma *lei de causa efeito* aplicada nas ciências naturais. Entretanto como alguns fenômenos ‘respondiam’ às intervenções e

perguntas formuladas, Kardec verificou ser unicamente possível para compreender essa causa, ser uma inteligência *fora da matéria*, concluindo daí que se tratava das inteligências dos homens que já estavam livres de seus corpos materiais. Mas afinal a doutrina espírita é ciência ou religião?

No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião (...) porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, **não sobre uma simples convenção**, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza. **Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião?** Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, **na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto**; desperta exclusivamente uma idéia de forma, **que o Espiritismo não tem** (...). Eis porque se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral (FIGUEIREDO, 2006, p. 90) [grifo nosso].

A finalidade de toda religião é combater o materialismo que nega a existência da alma, ou do espírito, vendo na matéria a origem de toda a vida, que se esvai com seu fenecimento, não restando mais nada além dela. Portanto toda religião é espiritualista em essência. Não confundir com espiritista, outro nome dado ao espiritismo. O próprio Kardec explica:

A palavra espiritualista tem, de há muito, uma acepção bem determinada. É a Academia que no-la dá: *espiritualista, aquele ou aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao materialismo*. Todas as religiões fundam-se necessariamente no espiritualismo. Quem quer que creia que existe em nós algo mais que matéria, é *espiritualista*, o que não implica, absolutamente, a crença nos Espíritos e na realidade de suas manifestações. (...). Todo *espírita*, é necessariamente, *espiritualista*, mas levará ainda muito tempo até que todos os *espiritualistas se tornem espíritas* (KARDEC, [1858 a], 1998, p. 30-31).

Em essência a doutrina espírita propõe a volta da dimensão espiritual nos fenômenos já consagrados e estudados pelas ciências, rechaçando o niilismo que advém do materialismo-positivista que já imperava neste século, dividindo o mundo em um dualismo matéria X espírito.

A crença na divindade, em algo superior ao intelecto do homem sempre existiu e floresceu desde a Antiguidade até a Idade Média. Com o advento da industrialização que se opunha ao espiritualismo fantasioso destas eras, aparece o interesse pelo objetivismo de bases positivistas, em sua tentativa de conceber um mundo material. Surge então um embate ideológico, que sustenta as ciências nascentes do positivismo

calcado nos pressupostos materialistas, sendo a questão da alma humana, do espírito, deixadas de lado.

O problema religioso toca o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica a pessoa como um todo. Pode caracterizar-se o religioso como zona do sentido da pessoa. Em outras palavras, a religião tem a ver com o sentido último da pessoa, da história e do mundo (...). A religião realiza-se na existência humana. O apelo de Deus como resposta do homem verifica-se na existência. O homem sabe-se relacionado e determinado por algo que é maior do que ele mesmo (ZILLES, 1991, p.6).

O ápice da visão materialista da concepção do mundo aparece com o materialismo dialético de Karl Marx (1818-1883) e Friederich Engels (1820-1895), que se associaram ao filósofo L. Feuerbach (1804-1872) para criarem um sistema que se *empenhava em focar a evolução das instituições e das idéias humanas* (DIBO, 1992, p. 60). Para estes pensadores o pensamento é a base da realidade material, corporal, explicando a evolução do homem a partir da evolução da própria matéria, não existindo nenhuma outra razão de ser a não ser a mesma.

Delanne em 1885, escreveu sobre o materialismo dos positivistas dizendo:

É possível, quando as leis da Natureza revelam um encadeamento admirável de fenômenos, restringir-nos aos estreitos limites dos fatos conhecidos, sem tentar elevar-nos à causa primária, qualquer que ela seja? – Não. Não é natural parar no caminho e dizer: não iremos mais longe. A invencível curiosidade humana leva-nos a franquear os limites que se lhe quer impor, e, voluntariamente ou não, os homens de ciência são chamados a se pronunciarem, quer num sentido, quer noutro (DELANNE, [1885], 2004, p.43).

Respaldado pelo rigor da observação científica a ponto de se afirmar que, se a doutrina não caminhasse *par i passo* com a ciência, que se optasse por essa última, o espiritismo tem, por iniciativa, *a espiritualização das ciências*, não obstante isso possa parecer, de início, uma volta ao obscurantismo dos séculos anteriores, que dividira o mundo entre potências divinas e demoníacas, entre trevas e luz.

O Espiritismo tem por objeto o estudo do elemento espiritual em suas relações com o elemento material, e encontra na união desses dois princípios, a razão de uma multidão de fatos até então inexplicados. O Espiritismo caminha de acordo com a ciência no terreno da matéria: admite todas as verdades que ela constata, mas onde se detêm as investigações desta, prossegue as suas no terreno da espiritualidade (KARDEC, [1890], 2004, p. 251).

A doutrina espírita igualmente rechaça tal volta ao passado, pois busca explicar, os fenômenos físicos e inteligentes - que as ciências tinham dificuldade em explicá-los, sob as leis da própria ciência, submetida estas, às leis divinas e não às do ‘fantástico’.

Essas leis divinas subdividem-se em *leis físicas e leis morais*. As primeiras “*regem o movimento e as relações da matéria bruta*”, enquanto que as segundas “*regem as regras da vida do corpo como também as da vida da alma*” (KARDEC, [1857], 2004, p. 614 - 617).

Quanto à conduta a ser tomada em relação aos céticos, ele preconizava; *‘é um erro supor que se exige fé. Mas a boa-fé é outra coisa. Há céticos que negam a própria evidência. A estes os prodígios não convenceriam’* (KARDEC, [1858a], 1998, p. 52).

Sobre a aproximação fé e razão, são deles as palavras:

A fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade; à fé é precisa uma base e esta é a inteligência perfeita do que se pode crer; para crer, não basta ver, é preciso compreender; **a fé cega não é mais deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que produz hoje o maior número de incrédulos**, por querer impor-se, exigindo a alienação das **mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbítrio** (KARDEC [1859], 2004, p.257) [grifo nosso].

A doutrina espírita prontamente se difunde por toda a Europa, e no Brasil ganham maior relevância a sua filosofia e sua moral cristã, fomentando seu vertiginoso crescimento. Seus adeptos logo eram reconhecidos pelo lema que sustenta os praticantes desta doutrina, *‘fora da caridade não há salvação’*¹, contrapondo-se ao catecismo católico de que *‘fora da Igreja não há salvação’*, máxima essa que, segundo os adeptos do espiritismo, dividiria o mundo entre católicos e não-católicos, a despeito da retidão moral e tentativa de evolução pessoal e espiritual, e da crença no mesmo Deus por aqueles não adeptos à Igreja. Pela máxima adotada pelo catolicismo, todo aquele que não fosse obediente ao credo católico, já estaria condenado pelo fato de não pertencer à mesma tradição.

As primeiras notícias da formação de grupos espíritas no Brasil são da década de 1860. Na mesma época, são feitas as primeiras traduções das obras de Kardec, providenciadas pelo médico Joaquim Carlos Travassos (1839-1915). Ele não foi uma exceção. Vários outros médicos brasileiros abraçariam desde cedo o espiritismo. Foi o caso de Adolfo Bezerra de Menezes (1830-1900), criado em família

¹ O Evangelho Segundo o Espiritismo, item 8, capítulo XV.

católica e que também foi vereador e deputado. (...). Republicanos proeminentes, como Saldanha Marinho (1816-1895) e Quintino Bocaiúva (1836-1912), tinham simpatia pela doutrina. Por outro lado, a difusão do espiritismo também se fazia em meios mais populares, interagindo com saberes, prática e religiosidade ancestrais dos descendentes de escravos (GIUMBELLI, 2008, p.15-16).

O Brasil é um país tolerante às diferentes manifestações religiosas. O direito de prática ao culto religioso é garantido constitucionalmente, conforme o inciso VI do artigo 5º da Constituição Brasileira que garante “*liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantidas, na forma da lei, a proteção aos locais de culto, e as suas liturgias*”².

Entretanto nem sempre a lei fora tolerante para com a manifestação de outras crenças religiosas que não as ‘oficialmente aceitas’. Isso se deu tanto com as religiões afro-brasileiras, como com a doutrina espírita que sofreu o pior tipo de perseguição: a intolerância. No código penal de 1890, precisamente no artigo 157 o qualificava sua prática como delito, a ser, portanto, punível. É quando se institui a FEB – Federação Espírita Brasileira, criada em 1884, com a finalidade precípua de difundir a doutrina pelo país e também de lutar para garantir o direito à livre manifestação religiosa.

A doutrina espírita ganha contornos de religião no Brasil devido à prática assistencialista de apoio material e espiritual aos sofredores. “*Graças a ela, a atuação do espiritismo não ficou restrita aos centros, ganhando diversos espaços sociais. A boa recepção das práticas assistenciais propiciava a aceitação das práticas religiosas*” (GIUMBELLI, 2008, p.19), proporcionando oportunidade de crescimento e aceitação, que cresceram, sobretudo pela figura do maior médium brasileiro, Francisco Cândido Xavier (1910- 2002).

Chico Xavier sempre gozou de imenso carisma e respeito do povo brasileiro, indiferentemente ao credo pessoal de muitos, tendo publicado ao longo de sua vida, mais de quatrocentas obras psicografadas, editadas pela FEB em sua maioria, sendo que toda a venda destes livros sempre foi revertida para obras assistenciais.

Após este breve apanhado histórico a respeito dos acontecimentos que culminaram no surgimento da doutrina espírita, tanto na Europa, como em sua chegada aqui, em terras brasileiras, passemos a analisar a situação vivenciada pelas mulheres

² Artigo 5º da Constituição Brasileira de 1988.

dentro da doutrina espírita. Antes, porém, vale uma breve incursão tanto no Antigo e Novo Testamento, a fim de conhecer como eram o tratamento a elas dispensado.

A mulher no Antigo Testamento

Na Bíblia a mulher é sempre inferior em relação ao homem, obviamente um comportamento que denota um ‘desvio de rota’ debitado à mentalidade dos homens em nada se relacionando à vontade de Deus. Naquele tempo, a sociedade era organizada de forma extremamente machista muito mais que a atual, e a mulher está retratada no Livro Sagrado quase sempre como uma personagem inexpressiva.

O patriarcado, que é o reconhecimento dos direitos do pai sobre sua família, servos, mulher e propriedade, deu ao homem, detentor da força bruta, física, também o poder sobre suas mulheres: poder de vida e morte.

Na primitiva sociedade judaica, que surgiu dentro de um contexto rural e pastoril, a figura do pai ocupava um lugar de destaque e supremacia, dando origem ao modelo de família do tipo patriarcal, que consagrou o uso da força para submeter os filhos às suas ordens. Esse modelo familiar, já então sacralizado pela instituição eclesiástica, foi trazido ao Brasil pelos colonizadores lusitanos. Nele, dentro da tradição cultural brasileira, o pai era não apenas o representante, mas também o encarregado por Deus de manter a sociedade familiar dentro da ordem prescrita (AZZI, 1999, p. 486-487).

A posição do patriarcado, admitida e patrocinada pela Igreja, é a responsável pela visão de submissão e inferioridade atribuídas às mulheres, tanto no contexto da interpretação dos textos sagrados, como em relação à sua participação na estrutura da mesma.

É este o ponto nevrálgico das críticas da Teologia Feminista, que não se absteve de analisar apenas a tradição católica, mas igualmente de outras religiões que nasceram a partir da separação da Igreja de Roma.

Em muitas passagens do AT vemos claramente uma alusão à inferioridade moral – tomada em relação à fragilidade física das mulheres, tais como a criação de Eva a partir da costela de Adão e sua culpa pelo pecado original; a ausência dos nomes das mulheres na genealogia bíblica; a esterilidade *sempre* feminina (como por exemplo, em Sara e Raquel), e a necessidade de prescrever normas de conduta mais austera para mulheres do que para os homens.

Percebemos muitas vezes que a mulher age apenas como uma mera expectadora dos acontecimentos sociais que giravam em torno dos homens. Sua função era dar-lhes

filhos para garantir-lhes o nome, tanto que era permitido o Levirato (Dt 35: 5-6). Por este costume, tornado lei, a mulher cujo marido falecesse, deveria tomar como esposo o cunhado disponível, para conceber e dar o nome do falecido, ao filho nascido desta nova união, medida esta tomada para honrar o nome e linhagem paternas.

Entretanto muitas personagens femininas foram cruciais no AT, destacando-se Judite por seu ideal religioso e nacionalista, a profetisa Débora (Jz 4) que trouxe à baila a importância das profecias para o povo de Israel, Rute a moabita que se converte ao deus do povo eleito, Tamar (Gn 28: 1-30) que concebe observando a lei do levirato gerando um filho do próprio sogro para honrar o nome do marido morto. Há também as estrategistas, conciliadoras e também as sedutoras poderosas como Dalila (Jz 16: 4-31) capazes de levar um homem à destruição.

Reconhecemos que nem sempre o peso da tradição agiu ‘contra’ elas, exclusivamente. O adultério, por exemplo, era punido com morte por apedrejamento para ambos, (Lv 20: 10), entretanto em Números (5: 11-31), temos todo um procedimento bastante complexo e condenatório que recai somente sobre a mulher cujo marido desconfiasse de sua conduta, sem equivalente processo para o homem.

Em outras passagens é assegurado às mulheres o direito ao divórcio (Dt 34: 1-4), assim como o direito a proteção aos órfãos e viúvas (Exo 20: 21). Contudo basta um único exemplo para que entendamos a posição desfavorável em que se encontravam as mulheres nesta época.

Vejamos o castigo dado por Javé a Maria, irmã de Moisés, absurdamente desproporcional ao que fora reservado ao seu irmão Aarão, que cometera ato idêntico: ambos criticaram Moisés por ter desposado uma etíope. O castigo de Javé dado a Maria fora deixá-la por sete dias leprosa, para que não mais se imiscuísse na vontade divina, ao passo que para Aarão nada se passou (Nm 12: 1-15).

Outro caso em que resulta de morte por maldição, está ainda no Gênese, quando Raquel, a bem amada de Jacó, furta os ídolos de seu pai, Labão, fato totalmente desconhecido por Jacó que amaldiçoa aquele que roubara o sogro. A maldição de Jacó se cumpre, pois, logo após dar a luz a seu segundo filho, Benjamim, morre Raquel em dores de parto, deixando Jacó totalmente desconsolado, pois apesar da prole imensa e de suas mulheres, é a Raquel quem amou desde o dia em que a viu buscando água no poço (Gn 31: 19-35; Gn 35: 16-20).

Como vemos, as penalidades sofridas pelas mulheres no AT são por demais severas, e ainda temos que lidar com o fato de que, não há nenhum registro genealógico delas. Sempre é homem que gera outro, como vemos na seqüência, Abraão gerou Isaac, que gerou Jacó, que gerou seus doze filhos que originaram os nomes das doze tribos de Israel, e assim por diante.

Até no parto de meninos e meninas, era diferenciado o tratamento. A mulher que desse a luz a um menino, permanecia impura por uma semana, enquanto que, se fosse uma menina, o período de impureza estendia-se por duas semanas, assim como dobrava o prazo para que pudesse sair de casa, ou seja, sessenta e seis dias caso houvesse tido uma filha (Lv 12: 1-5).

A honra da virgem seduzida, era paga com dote e com o casamento arranjado, e e, caso o pai da moça não consentisse no matrimônio, o sedutor pagaria um dote apenas que se dá pelas virgens (Exo 22: 15-16), lembrando-se que as mulheres que perdiam a virgindade consensualmente antes do casamento, eram banidas do convívio social, quando não mortas.

São muitos os exemplos em que as mulheres claramente são as que menos detêm o poder, embora em algumas passagens elas tivessem se sobressaído como virtuosas, ou heroínas, mas não é a regra.

O Novo Testamento: Cristo e as mulheres

Mas também no NT a presença austera e sufocante do patriarcado se faz notar, por exemplo, no tratamento dispensado a Madalena, que fora confundida e retratada posteriormente como prostituta, sendo que, em nenhuma passagem dos evangelhos, mesmo nos apócrifos, isto se verifica. Essa confusão persiste até os dias de hoje, e deve-se muito mais à tradição oral e o nível de educação e conhecimento das palavras do NT pelas pessoas, em geral, pois absolutamente nada há escrito nos evangelhos que deponha contra a moral dela.

Mas esse tratamento misógino não se atribui ao Cristo, e sim muito de seus apóstolos e seguidores. Madalena - a mulher que ‘continha 7 demônios’ e que fora curada e amada pelo Mestre, foi sua fiel discípula, seguidora, continuadora de sua missão, permanecendo com ele enquanto Ele agonizava na cruz, limpando Seu corpo torturado pelos soldados romanos, e foi quem O viu primeiramente ressurrecto.

Talvez o mal maior de Madalena fora ser uma mulher solteira, inteligente e livre para segui-lo em suas pregações, o que era para sua época e sua sociedade uma contravenção aos bons costumes e à moral, sobretudo porque dialogava com Jesus e com os seus apóstolos na mesma condição, numa época em que não era facultado às mulheres lerem ou estudarem as leis prescritas na Torá.

A história registra em vários outros momentos que, quando uma mulher incomodava por demais, a maneira de ‘exterminá-la’ era denegri-la moralmente, rebaixando-a para a condição de herege, prostituta ou bruxa. As fogueiras da Inquisição que o digam.

Jesus subverteu o tratamento dispensado às mulheres que O seguiam, tornando-as suas amigas, discípulas, seguidoras. Entre essas estavam mulheres comuns, enfermas ou pecadoras, e Jesus concedia-lhes a mesma atenção e os mesmos direitos que lhes eram negados pelos homens.

Apesar do exemplo do Mestre, seus apóstolos assim não pareciam proceder, como vemos nas epístolas paulinas aos Coríntios, também a Timóteo, seu seguidor. Vejamos alguns exemplos:

1 Co 11: 7-9: O **homem** não deve cobrir a cabeça, porque ele é a **imagem e o reflexo de Deus**, a mulher, no entanto, é o reflexo do homem. Porque o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. **Nem o homem foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem.**

1 Tim 2: 9-14: Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes e se enfeitem com pudor e modéstia (...).Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. **Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem.** Portanto, que ela conserve o silêncio. **Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou.** Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade.

A mensagem de tolerância e amor incondicional deixada pelo Cristo, ainda não tinha, de todo, contagiado seus discípulos e apóstolos no tocante ao tratamento dispensado às mulheres. O tratamento empregado pelos apóstolos às mulheres era fruto da educação e mentalidade de sua época, e apesar da lição do Cristo, não conseguiram compreender a magnitude do amor incondicional, a *ágape*, ensinada pelo Mestre.

Jesus Cristo deixou-lhes tantas lições de paciência, de virtude, de amor, não se subtraindo ao contato com as mulheres de sua época. Nunca lhes imputou qualquer

diferença de tratamento pelo fato de serem mulheres. Via-lhes como sujeitos possíveis de mudança e sua ‘arma’ era a compreensão e o amor. É só ver como se referia a elas, como estava sempre rodeado por elas, como tratou a samaritana no poço de Jacó, como salvou a adúltera do apedrejamento, como se alegrava em companhia de Marta e Maria, irmãs de Lázaro, que sempre lhe acolhiam em passagem por Betânia, como aceitou a seguidora Madalena, que injustamente não recebe o nome de *apóstola*;

Apesar da atitude positiva de Jesus diante das mulheres, o cristianismo desenvolveu-se ao longo de linhas patriarcais. Encontrou-se a justificativa disso no relato do Gênesis sobre Adão e Eva. Além disso, as cartas de Paulo no Novo Testamento às vezes se referem à submissão das esposas, a natureza do marido como ‘chefe da casa’, ao silêncio das mulheres na Igreja (RAEPPER, SMITH, 1997, p.219).

E foi justamente baseado nestas epístolas que as outras denominações cristãs, além da católica, justificaram a estreita vigilância sobre a conduta das mulheres, não lhes concedendo iguais direitos dentro de suas igrejas nem tendo por suas seguidoras a mesma complacência que têm pelos homens. Em relação ao catolicismo, houve mesmo um tempo em que duvidavam se as mulheres tinham alma. Questão que fora resolvida apenas no Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563.

No caso da documentação eclesiástica, nota-se um discurso em que as imagens masculinas e femininas nelas constituídas não só consolidam diferenças como contêm hierarquias. São imagens de poder que explicam visões mais voltadas para o ‘dever ser’ do que para ‘ser’, num processo regido por uma dinâmica de relações de dominação e exclusão (MATOS, 1996, p.100).

Até em sua genealogia, Jesus inova, ao trazer pela primeira vez nos textos sagrados, o nome de quatro mulheres, além de sua mãe, inclusive uma estrangeira hitita. (Mt 1, 1-17). Normalmente a genealogia aparece no AT, quando é importante para o povo de Israel comprovar a origem daquele patriarca, profeta ou ‘homem de Deus’, provando em sua ascendência, sua forte ligação com o povo escolhido e com os patriarcas.

No caso de Jesus, objetivo era provar que Ele descendia da casa de Davi, conforme a profecia que dizia vir o Messias desta linhagem. “*De Abrão até Davi são, pois, quatorze gerações, e de Davi até o cativo da Babilônia, quatorze gerações e do cativo da Babilônia até Cristo, quatorze gerações*” (Mt 1, 17).

Mas não é só. Ao relatar além de sua mãe, Maria, o nome de quatro outras mulheres, (Tamar, Raab e Rute e a hitita) o autor do texto quis provar a universalidade

da mensagem cristã, que embora tivesse nascido no seio do povo eleito, não se restringia somente a este, mas estava facultado a todos e todas, uma vez que Jesus pregava a condição de irmãos, filhos de um Deus único, a quem chamava de *Abba*, ou Pai em aramaico.

Não é mais o deus terrível e vingativo de muitas passagens anteriores do AT, o ‘senhor dos exércitos’, um deus que exigia holocausto das primícias do que os homens plantavam ou criavam. Torna-se pela boca do Cristo, o Deus Pai que perdoa que é compassivo e cheio de misericórdia pelas faltas humanas, personificando na figura do Cristo, esse amor. Uma divindade totalmente diferente em temperamento, do deus pregado no AT, em que a tônica era a justiça, comportando-se, pelo relato humano, muitas vezes como um justiceiro implacável, rígido e até mesmo cruel.

Na mensagem do Cristo, a relação de Deus com os humanos é de um Deus compassivo. Cristo igualmente mostra sua universalidade, pregando pela Judéia, Galiléia e Samaria, a todos e todas, e não para os seus somente. Na mensagem cristã não há eleitos por prerrogativas de berço, etnia, posição social, raça ou sexo.

A mulher na Doutrina Espírita

E em relação à Doutrina Espírita, qual é o papel que esta reserva às mulheres? Haveria algo semelhante a uma Teologia Feminista dentro da perspectiva espírita?

Em comparação com as demais religiões conhecidas dentro da tradição judaico-cristã, ela não segue a tendência das demais em atribuir às mulheres o papel de submissão, ou relegá-las ao silêncio dentro dos locais de culto, os *centros espíritas*. É, pois, uma doutrina muito mais liberal em relação às mulheres.

O que justifica essa atitude é justamente um dos pilares que a sustentam, ou seja, a crença na palingenesia, ou a lei do eterno retorno (reencarnação), o que, segundo sua crença, dá a oportunidade do espírito, imorredouro, *estar* num ou noutro sexo. Como nas perguntas 201 e 202 de *O livro dos Espíritos*.

P. 201. “O espírito que animou um corpo de um homem, em uma nova existência, pode animar o de uma mulher, e vice-versa?” – “Sim, são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres”.

P. 202 “Quando se é Espírito, prefere-se encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher?” – “Isso pouco importa ao Espírito; ele escolhe segundo as provas que deve suportar. **Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres porque eles não têm sexos. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social,**

Ihe oferece provas e deveres especiais, além da oportunidade de adquirir experiência. Aquele que fosse sempre homem não saberia senão o que sabem os homens” [grifo nosso].

Neste sentido defende que não *seríamos* homens ou mulheres e sim que *estariamos* como homens ou mulheres, entendendo-se que para a completa evolução intelectual e moral do ser humano, teríamos que experimentar as dores, os prazeres, as limitações de ambos os corpos sexuados, uma vez que o espírito não tem sexo. Estar num corpo sexuado, é, segundo a visão espírita, uma aprendizagem necessária para a evolução do espírito que é eterno, em contraste com a vida corpórea que é perecível e passageira.

A filosofia e a moral espírita conclamam à liberdade e igualdade de direitos, pois o Espírito é dotado da faculdade de progredir, da faculdade do livre-arbítrio e da ciência do bem e do mal, não importando se este está encarnado num corpo de homem ou de mulher.

Novamente em “*O Livro dos Espíritos*”, lê-se em seu Livro III, capítulo IX, que se dedica ao entendimento da igualdade entre mulheres e homens:

P. 817 “Diante de Deus, o homem e a mulher são iguais e têm os mesmos direitos?” - “Deus não deu a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

P. 818. “De onde se origina a inferioridade moral da mulher em certos países?” – Do império injusto e cruel que o homem tomou sobre ela. É um resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre os homens pouco avançados, do ponto de vista moral, a força faz o direito” [grifo nosso].

P. 819. “Com que objetivo a mulher é fisicamente mais fraca do que o homem?”- Para lhe assinalar funções particulares. O homem é para os trabalhos rudes, por ser o mais forte; a mulher para os trabalhos suaves, e ambos para se entremudarem nas provas de uma vida plena de amargura” [grifo nosso].

Às perguntas seguintes (p.820 à 822) revelam o que Deus concedeu aos humanos, esclarecendo que a diferença física serve para assinalar as diferentes funções que os corpos devem cumprir, não sendo a justificativa ‘natural’ para o aprisionamento e a opressão das mulheres, segundo a doutrina espírita, verdadeira deturpação da Lei divina.

Dizendo ainda sobre a natureza destinada à mulher – a gestação, e as primeiras noções de vida aos seres humanos, são de importância ainda maior que a dos homens, e que uma legislação humana só será perfeitamente justa quando assegurar a ambos a

igualdades de direitos, pois somente assim cumprir-se-á o primeiro princípio de justiça preconizado por Jesus Cristo “- *Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem*”.

Na obra “*O Consolador*”, psicografia do médium mineiro Chico Xavier, ditado pelo espírito Emmanuel, há uma seção de perguntas e respostas, sobre cuidados que os médiuns devem ter, sobre desenvolvimento da mediunidade, seus escolhos e outros temas. Há especificamente uma pergunta feita no sentido de saber se há privilégios quanto ao médium ser homem ou mulher:

P. 385. “A mulher ou o homem em particular, possuem disposições especiais para o desenvolvimento mediúnico?” - “No capítulo do mediunismo não existem propriamente privilégios para os que se encontram em determinada situação; porém vence nos seus labores quem detiver a maior porcentagem de sentimento. E a mulher, pela evolução de sua sensibilidade em todos os climas e situações, através dos tempos, está, na atualidade, em esfera superior à do homem, para interpretar, com mais precisão e sentido de beleza, as mensagens do planos invisíveis” (1976, p. 215).

Para a doutrina espírita, não há, portanto, distinção entre homens e mulheres, entendendo que Deus não relegaria as mulheres a uma posição de inferioridade baseada no ‘determinismo sexual’, como tantas vezes utilizado como justificativa para a ‘natural’ assimetria de poder e de oportunidades entre os dois sexo, naturalização das desigualdades que é o corolário de toda discriminação, preconceito e violência que se cometeu, e ainda se comete contra as mulheres.

A natural justificativa para as desigualdades criadas socialmente para ambos, encontrou diversas justificativas, tanto as ‘científicas’, como na sentença de Freud em relação às mulheres quando diz: ‘anatomia é destino’, assim como nas justificativas de ‘ordem divina’, protagonizado pelo patriarcado que incrementou o discurso religioso para oprimi-las e silenciá-las.

Na compreensão da doutrina espírita, entende-se que os excessos e abusos cometidos contra as mulheres são desvios de conduta pelo mau uso do livre-arbítrio, sustentando ainda que as mulheres não são as pecadoras, nem as infiéis, nem amorais, fracas, ciumentas, infantis ou vingativas, como entendidos no tratamento e na visão que se tinha delas na leitura dos textos bíblicos e na conduta do sacerdotado das igrejas cristãs em geral.

Os pressupostos que a sustentam: o da pluralidade dos mundos e das existências, dizem que a matéria é subordinada à vontade e às necessidades do espírito em constante evolução. Isso tem um alcance mais libertário em relação à mulher, pois se o espírito não tem sexo, tem-se na pluralidade das existências, igual chance de encarnar neste ou noutro corpo, não havendo, pois, prerrogativas de poder entre ambos.

Através da palingenesia tem-se a possibilidade de crescimento e evolução, uma vez que o ser humano está infalivelmente ‘condenado’ ao progresso, não sendo possível retrogradar, conforme a pergunta 781 do *O livro dos Espíritos*:

“É dado ao homem o poder de deter a marcha do progresso?” – “Não, mas o de o entrar algumas vezes. (...) O progresso, sendo uma condição da natureza humana, não está ao alcance de ninguém a ele se opor. É uma força viva que as más leis podem retardar, mas não sufocar”.

Para a doutrina espírita, todos são valorados em espírito, pois é ele quem progride, e não o corpo físico. É o espírito que, sendo eterno, único e indestrutível, é avaliado pelo bem que fez ou deixou de fazer, não importando em que corpo esteve ‘aprisionado’ em seus anos terrestres. Esclarece que é necessário para a evolução dos seres a reencarnação tanto num corpo físico de um homem ou no de uma mulher. O Espírito como realidade eterna está em constante evolução, para tanto deverá buscar o equilíbrio entre estas duas polaridades – a masculina e a feminina.

Acreditamos que essa visão mais tolerante em relação ao sexo feminino, tem também outra explicação que não somente a realidade do espírito. Essa igualdade de funções e de papéis dentro da doutrina espírita reside na maneira pela qual ela se organiza estruturalmente, pois *não tem uma classe sacerdotal organizada* - prerrogativa de poder para os homens, o que libera as mulheres dos falíveis dogmas humanos, para a livre aceitação do trabalho e dos estudos.

A situação das mulheres de outras denominações religiosas, que não têm os mesmos direitos à hierarquia do poder em suas igrejas, nem nas decisões humanas tomadas no seio da comunidade, é distinta, como sabemos.

Mas paradoxalmente elas constituem expressivamente a esmagadora maioria em atividade nas igrejas: *tirem-se as mulheres das igrejas e templos e estes permanecerão vazios!* São elas que enchem seus altares de pedidos, de orações; são elas que desfiam horas de ‘terços’ e de ‘rezas’, são as primeiras presentes nas visitas de condolências, de

fortalecimento espiritual, para levar a Boa-nova, para as reuniões de catequeses, de evangelização, de organização de bazares, e de campanhas assistenciais para mitigar a dor e o sofrimento alheios.

Entretanto continuam a ter uma posição inferior apesar de sua intensa presença. A participação feminina supera, e em muito, a participação dos homens, e o mesmo se dá nos centros espíritas. A diferença é que nos centros espíritas elas não ocupam a casta sacerdotal, pois a doutrina espírita não se organiza como uma religião comum, herança de sua origem na filosofia e na ciência.

A doutrina adota em sua moral religiosa o princípio cristão do ‘amai-vos uns aos outros’, lembrando a seus adeptos da necessidade do estudo, pois é através deste que se pode atingir as condições de aperfeiçoamento. No Evangelho Segundo o Espiritismo, o *Espírito da Verdade*, assim se manifestou aos adeptos: *Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instrui-vos, eis o segundo*³.”

A importância dada aos estudos é notória quando observamos, nos primórdios desta doutrina, os nomes que ladearam o trabalho do Codificador. Eram artistas, literatos, astrônomos, filósofos, pensadores e cientistas, do peso de Victor Hugo, Ernesto Bozzano, Leon Denis, Camille Flammarion, Aleksander Aksakof entre outros.

São de Flammarion – amigo de Kardec estas palavras escritas em *Urânia*, em que relata um mítico diálogo entre ele mesmo e a musa da astronomia, que, ganhando voz diz ao astrônomo:

Saiba você que o Estudo é a única fonte de todo o valor intelectual. E o conhecimento do coração humano conduz à indulgência e à bondade; jamais sejas nem pobre e nem rico, livra-te de toda a ambição e assim de toda a servidão. Sê independente! A independência é o mais raro dos bens e a primeira condição de toda a felicidade (FLAMMARION [1889], 2004, p.39)

Desde o princípio Kardec contou com um grupo de mulheres médiuns, dentre eles a própria senhora Baudin, sua anfitriã, que lhe proporcionou o ingresso nessa ciência do espírito. As mulheres sempre fizeram parte ativa nos trabalhos tanto da divulgação como *medianeiras* [médiuns], não tendo, o sexo masculino, nenhuma

³ Capítulo 6, item 6. Mensagem recebida em Paris, em 1860.

prerrogativa sobre elas, ao contrário, como nos esclarece Léon Denis, contemporâneo do Codificador, em “*No invisível*”⁴.

Encontram-se, em ambos os sexos, excelentes médiuns, é à mulher, entretanto, que parecem outorgadas as mais belas faculdades psíquicas (...) no que se refere aos poderes íntimos, à intuição e adivinhação, sempre foi ela superior ao homem (...). Esses maravilhosos poderes, esses dons do Alto, a igreja entendeu, na Idade Média, aviltar e suprimir, mediante os processos instaurados por feitiçaria. Hoje, encontram eles sua aplicação, porque é sobretudo por intermédio da mulher que se afirma a comunhão com a vida invisível. O catolicismo não compreendeu a mulher, a que tanto devia. Seus monges e padres, vivendo no celibato, longe da família, não poderiam apreciar o poder e o encanto desse delicado ser, em que enxergavam antes, um perigo. A antiguidade pagã teve sobre nós a superioridade de conhecer e cultivar a alma feminina. Suas faculdades se expandiam livremente nos mistérios. Sacerdotisa nos tempos védicos, do altar doméstico, intimamente associada no Egito, na Grécia, na Gália, às cerimônias do culto, por toda a parte era a mulher objeto de uma iniciação, de um ensino especial, que dela faziam um ser quase divino, a fada protetora, o gênio do lar, a custódia das fontes da vida (DENIS, 1973, p.76, 77).

Citando o depoimento do próprio Allan Kardec, na *Revista Espírita* de dezembro de 1858, quando explana sobre as diferenças psíquicas e de aptidões entre homens e mulheres, percebemos que são consoantes às palavras de Emmanuel em *O Consolador*. Diz Kardec;

Sendo a mulher mais finamente desenhada que o homem indica naturalmente uma alma mais delicada; assim é que, nos meios semelhantes, em todos os mundos, a mãe será sempre mais bonita que o pai; porque é ela que a criança vê primeiro; é para a figura angélica de uma jovem que a criança volve seus olhos sem cessar; é para a mãe que a criança seca seu pranto, apóia seus olhares, ainda fracos e incertos. A criança tem, pois, uma intuição natural do belo (KARDEC, [1858 b], 2003, p.342).

Na *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos*, publicados de 1858 à 1869, ano da morte de Kardec, é, de certa forma, um complemento ao que está registrado na obra de autoria espiritual, entretanto é aqui, o próprio punho e intelecto de Kardec em ação, seja dirimindo dúvidas, seja esclarecendo pontos obscuros, rebatendo críticas inteligentes, explicando os ideais que norteavam essa doutrina que nascia.

⁴ Publicado na língua francesa em 1911. Primeira edição brasileira em 1919.

Em nenhum momento desta *Revista* Kardec se desvia do eixo principal, entretanto goza de liberdade, como homem erudito que foi, de se pronunciar com a preocupação de ser coerente com as obras básicas.

E se a finalidade da reencarnação é o aprimoramento moral e intelectual dos seres humanos, o ideal por ele apontado nesse trecho não deve permanecer restrito somente às mulheres, pois, segundo as premissas observadas, o mesmo princípio que fundamenta a lei da evolução ou do progresso é para todos.

Do contrário seria imaginar que essa virtude, o belo, o ideal de humanidade estaria restrito somente ao sexo feminino, quando, segundo a ótica espírita, o ideal de humanidade, o belo, o angelical, são atributos que se aproximam da concepção do feminino, mas não estão aprisionados necessariamente no corpo de uma mulher, no sexo feminino.

A concepção transcende o senso comum, pois se pensarmos a partir das premissas kardecianas sobre a não permanência dos corpos em virtude da eternidade do espírito em constante evolução, esse ideal é mais perceptível nas mulheres, em função de sua educação, que lhes ensina desde meninas a dimensão do cuidado com os outros, do afeto, do estabelecimento de uma maior intimidade com o sagrado.

Para seus adeptos, a doutrina espírita tem por missão, resgatar às mulheres, o espaço perdido em séculos de dominação e incompreensão, que as silenciou, torturou ou subestimou sua contribuição para os caminhos da compreensão do ser íntimo, da individualidade humanas:

Durante longos séculos a mulher foi relegada para segundo plano, menosprezada, excluída do sacerdócio. Por uma educação acanhada, pueril, supersticiosa, a manietaram; suas mais belas aptidões foram comprimidas, conculcado e obscurecido o seu caráter. (...). O moderno Espiritualismo, graças às suas práticas e doutrinas, todas de ideal, de amor, de equidade, encara a questão de modo diverso e resolve-as e sem esforço e sem estardalhaço. Restitui à mulher seu verdadeiro lugar na família e na obra social, indicando-lhe a **sublime função** que lhe cabe desempenhar na **educação e no adiantamento da humanidade. Faz mais: reintegra-a em sua missão de mediadora predestinada**, verdadeiro traço de união que liga as sociedades da Terra às do Espaço (...). O materialismo, não ponderando senão o nosso organismo físico faz da mulher um ser inferior por sua fraqueza e a impele à sensualidade (...). Com o Espiritualismo, porém, ergue de novo a mulher a inspirada frente, vem associar-se intimamente à obra de harmonia social, ao movimento geral das idéias. **O corpo não é mais que uma forma**

tomada por empréstimo; a essência da vida é o espírito, e nesse ponto de vista o homem e a mulher são favorecidos por igual. Pelo Espiritismo se subtrai a mulher do vértice dos sentidos e ascende à vida superior. Cessa, desde então, a luta entre os dois sexos. As duas metades da Humanidade se aliam e se equilibram no amor, para cooperarem juntas no plano providencial, nas obras da Divina Inteligência (DENIS, 1973, p.78-80) [grifo nosso].

Recolocadas em seu devido lugar, conclamadas aos estudos, à participação na edificação de uma humanidade mais digna e igualitária, a colaborar como medianeira entre os dois planos da existência humana, a mulher no seio da doutrina espírita, encontra uma possibilidade de expressão de seu discurso. Discurso esse que como vimos, fora tantas vezes silenciado.

A doutrina espírita, portanto, antes de separar corpos e pessoas em função de seus diferentes sexos, raça ou origem, os une em Espíritos que, anseiam pela igualdade em evoluir conforme a lei de progresso e evolução, que, segundo sua crença, sujeita à todas e todos, indistintamente.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA. 44 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

AZZI, Riolando. O olho vigilante de Deus. **Suplemento Família Cristã**. n.763, julho de 1999, pp. 486-495.

BAIRRÃO, José Francisco M. H. Espiritualidade brasileira e clínica psicológica. IN: ANGERAMI-CAMON (Org.). **Espiritualidade e prática clínica**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

BORGES, A. Merci Spada. **Doutrina Espírita no tempo e no espaço**. 800 verbetes especializados. São Paulo: Panorama, 2000.

DELANNE, Gabriel [1885]. **O espiritismo perante a ciência**. Tradução: Carlos Imbassahy. 4 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

DENIS, Léon. **No invisível**. [1911]. 7 ed. Tradução de Leopoldo Cirne. Rio de Janeiro: FEB, 1973.

DIBO, Dulcídio. **Civilização do Espírito**. Megatendência no século XXI. V. 2. Filosofia, religião e doutrina espírita. São Paulo: Lúmen Editoria, 1992.

FIGUEIREDO, Paulo H. de. Espiritismo é uma religião? **Universo Espírita**. n. 36, ano 3, 2006, pp. 90-92.

FLAMMARION, Camille [1889]. **Urânia**. Tradução Almerindo de Castro. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

FREUD, S., [1923-25]. A dissolução do Complexo de Édipo. In: **O ego e o id e outros trabalhos**. E. S. B. XIX. Imago Editora: Rio de Janeiro, 1998.

GIUMBELLI, Emerson. Kardec nos trópicos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 3, No. 33, junho de 2008. (pp. 14-19).

KARDEC, Allan [1857]. **O livro dos Espíritos**. Contendo os princípios da doutrina espírita. 149 ed. Tradução Salvador Gentili. Revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 2004.

KARDEC, Allan [1858a]. **O que é o Espiritismo?** Noções elementares do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos. Tradução Wallace Leal Rodrigues. São Paulo: LAKE, 1998.

KARDEC, Allan. [1858b]. O papel da mulher. **Revista Espírita**. Dez. 1858. Tradução Salvador Gentile. IDE: Araras, 2003.

KARDEC, Allan [1859]. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Contendo a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas posições da vida. Tradução Salvador Gentili. Revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 2004.

KARDEC, Allan [1861]. **O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e evocadores**. Contendo o ensinamento especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o Mundo Invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo. Tradução Salvador Gentili. Revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 2004.

KARDEC, Allan [1865]. **O céu e o inferno ou a justiça divina segundo o Espiritismo**. Tradução Salvador Gentili. Revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 2003.

KARDEC, Allan [1890]. **Obras póstumas**. Tradução Salvador Gentili. 17 ed. Revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 2004.

LAGO, João Baptista S. de F. Um ‘pecado’ da Psicologia. In: SANTOS, Gérson T. dos; JARDILINO, José R. (Orgs.). **Ensaio de Psicologia e Religião**. São Paulo: Plêiade, 2001.

MATOS, Maria Izilda de. Repensando a historia da igreja: gênero, uma possibilidade de análise. In: RIBEIRO, Jorge C. (Ed). **Interfaces do sagrado em véspera de milênio**. São Paulo: Olho d’Água, 1996.

NUNES, Maria José F. R. Mulheres e catolicismo no Brasil: questão de poder. In: RIBEIRO, Jorge C. (Ed). **Interfaces do sagrado em véspera de milênio**. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

RAEPER, William; SMITH, Linda. **Introdução ao estudo das idéias**. Religião e filosofia no passado e no presente. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1997.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio**. História geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2005. (Série Parâmetros)

XAVIER, Francisco Cândido. (Emmanuel- espírito). **O consolador**. 6 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**. Pesquisa bibliográfica e ensaios de interpretação. V.1. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991 (Coleção Filosofia)